REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 304

1 DE JUNHO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Por uma circunstancia extranha e inexplicavel, o *Severo Torelli*, a famosa peça de François Coppée, que o theatro de D. Maria poz em scena, com um grande luxo de apresentação, desappareceu do cartaz depois da quinta representação.

Porque foi isso?

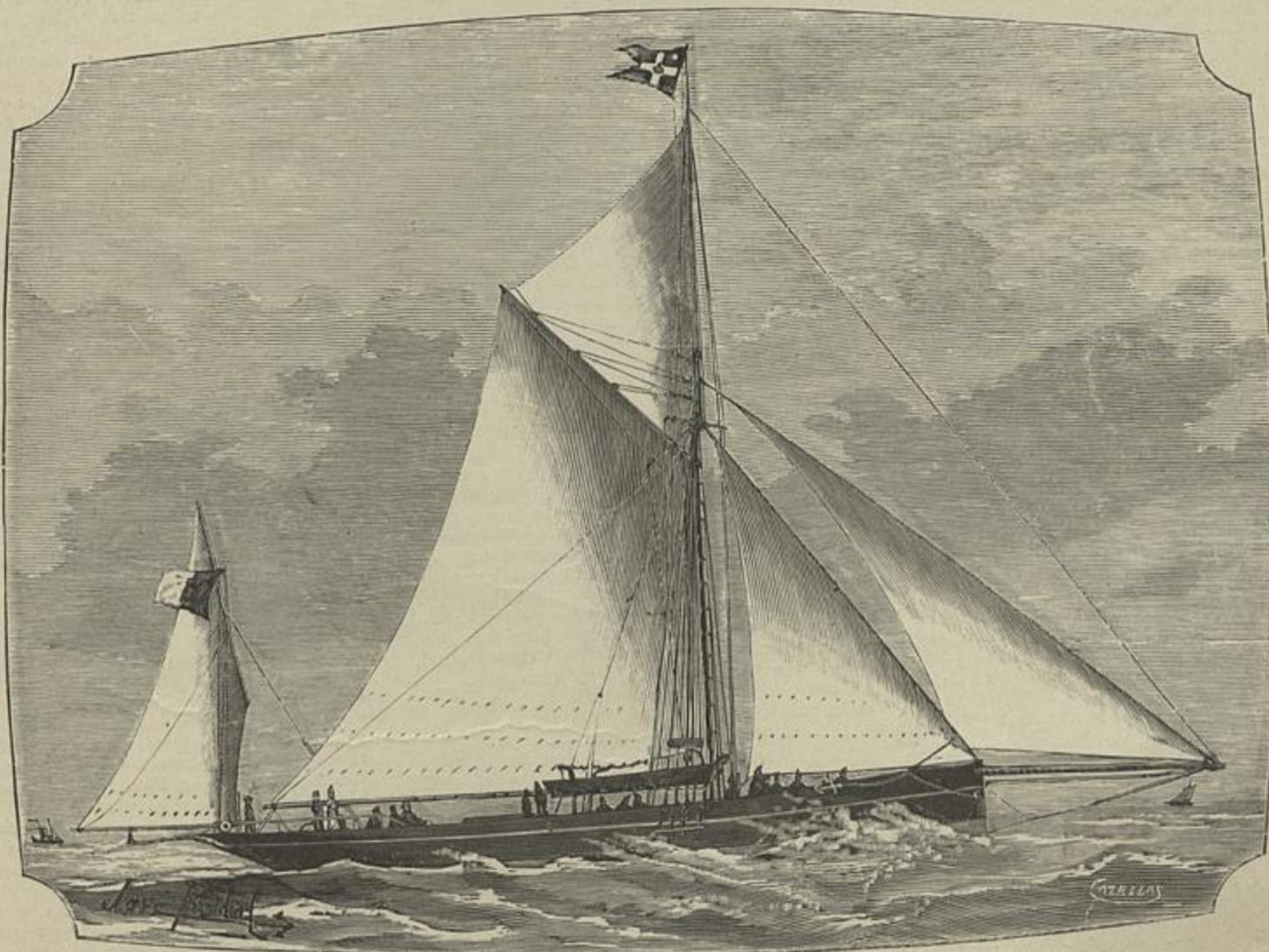
Evidentemente porque o publico não ia ao theatro nas noites em que o theatro punha esta peça, e a empresa de D. Maria se ver obrigada a substituil-a por outras peças, por peças velhas para ter espectadores.

Quer isto dizer que *Severo Torelli* cahiu?

Não, não póde dizer isso, porque não seria a verdade.

O *Severo Torelli* não teve na primeira noite o que se chama um grande successo, ou antes teve esse grande successo apenas n'um acto — no terceiro. Os outros actos agradaram, mas mediocremente, á excepção do ultimo que sem ter o successo do terceiro produziu comtudo funda impressão.

Note-se que fallamos por informações de pessoas que assistiram á primeira representação do *Severo Torelli*: como dissemos na nossa ultima chronica não podémos ir na noite da *primiére* ao theatro de D. Maria. Reservavamo-nos para ir ver o drama de Coppée mais tarde, sem por sombras imaginarmos, que ás cento e nove representações que o *Severo Torelli* teve no Odéon de Paris, corresponderiam no theatro de D. Maria, cinco representações apenas!

E portanto, em vista d'este acontecimento inesperado, ficámos sem vêr a peça de Coppée em

VIAGEM DE SUAS ALTEZAS OS DUQUES DE BRAGANÇA A SETUBAL — O YACHT DE RECREIO «AMELIA» (Desenho do artista-amador sr. José Pardal)

scena. Em compensação conhecemol-a de ha muito em francez, e graças á bella edição que da versão portugueza fez o sr. Paulo Plantier podemos tambem conhecer todos os bellos versos em que o Visconde do Monsaraz e Jayme Victor traduziram os esplendidos versos do grande poeta moderno da França.

Ora desde o primeiro dia em que lemos no original francez o *Severo Torelli*, nós gostando immenso do drama, como obra litteraria, admirando enormente os versos, a fórma primorosa em que o illustre poeta do *Passant* vasára a sua lugubre tragedia, não ficámos morrendo de amores por *Severo Torelli* como obra theatral, não acreditámos inteiramente nada no successo que posta em scena essa peça teria perante o publico portuguez.

Não tinhamos confiança no drama, mas confessamos francamente, nunca imaginámos que elle désse apenas cinco representações.

E não tinhamos confiança por dois motivos.

1.º—Porque François Coppée é acima de tudo um poeta, é muito mais poeta do que auctor dramatico; no *Severo Torelli* importou-se muito mais com a fórma litteraria do que com a urdidura theatral; duas ou tres scenas são magistraes, d'um dramatico profundo, d'uma impressão poderosa, mas para chegar a essas situações a peça arrasta-se longamente, em demoradas scenas, sem interesse, sem acção e que vivem unicamente da belleza, da fórma do encanto do verso.

Depois o assumpto extremamente tragico e sombrio está muito fóra do gosto moderno. É uma tragedia antiga e á antiga tratada, d'ahi uma fadiga mesmo na sua leitura, fadiga que na scena se deve traduzir, como effectivamente se traduziu no theatro de D. Maria, n'um cansaço enorme que vive paredes meias com o aborrecimento.

2.º—O segundo motivo vem das difficuldades inseparaveis, para a maior parte dos artistas de hoje, do genero da peça e da sua fórma litteraria.

Todos os papeis, mesmo os mais insignificantes do drama de François Coppée teem uma grandeza antiga, estão tão fóra da humanidade de hoje, que difficilmente pódem ser realisados na scena á sua verdadeira altura. Por mais talento que tenham os artistas a quem esses papeis forem incumbidos, na sua execução ha-de sentir-se sempre o esforço empregado para conseguirem introduzir-se n'essas individualidades estranhas, tão fóra dos nossos habitos, dos nossos tempos, do nosso genero e da nossa escola.

A fórma litteraria é tambem um outro perigo para a representação; cinco actos em versos, versos de tragedia, por mais bem feitos que esses versos sejam, por melhor que sejam ditos, hão de fatalmente cançar um bocado o publico.

Eu, como já disse, não assisti a nenhuma representação do *Severo Torelli*, mas não posso attribuir a outra causa, a queda, ou antes o insuccesso—da afamada peça de Coppé.

Completamente fóra do gosto artistico do nosso publico, do genero artistico dos nossos actores, o *Severo Torelli*, apesar de toda a riqueza e rigor com que foi posto em scena, apesar de toda a belleza do scenario e de todo o luxo dos costumes, apesar da esplendida tradução de Jayme Victor e do Visconde de Monsaraz, e de ser representado pelos mais notaveis artistas do nosso primeiro theatro, não conseguiu viver mais de cinco noites!

O publico não pateou a peça, não commetteu esse sacrilegio litterario. Foi na primeira noite, viu, ouviu, applaudiu exactamente aquillo que na peça achava de theatral—o terceiro acto e o quinto, massou-se um pouco no resto e sahiu do theatro pensando decerto que para cinco actos só duas situações importantes, não é uma grande proporção.

E não voltou lá mais.

E o *Severo Torelli* sem cahir, sem receber um testemunho sequer de desagrado, tendo pelo contrario até palmas ruidosas em algumas scenas, desappareceu do theatro, quasi que sem ninguem dar por isso.

Na noite immediata a empresa fez *reprise*, e com um certo espirito, do *Drama no fundo do mar*.

E o theatro encheu-se.

E no fim de contas nós não queremos por isso muito mal ao publico.

Seria um sacrilegio mesmo comparar o *Drama no fundo do mar* ao *Severo Torelli*, mas o que é verdade é que como obra theatral a peça de Ferdinand Dugné interessa mais o publico do que a peça de François Coppée.

E o publico, soberano senhor, está no seu direito de preferir um espectaculo que o interesse mais, a um que o interesse menos, e a empresa como no fim de contas não é uma empresa simplesmente artistica, é tambem uma empresa commercial, não tem remedio senão dar ao publico aquillo que elle quer.

Para nós o defeito theatral do *Severo Torelli* é ter cinco actos.

Se François Coppée fosse um bocadinho mais auctor dramatico teria feito com aquelle assumpto um explendido e irretistivel drama n'um acto.

Effectivamente todas as situações poderosas, todas as situações verdadeiramente dramaticas d'aquella lugubre tragedia se podiam agrupar logicamente n'um acto só.

O que vem a ser o *Severo Torelli?*

É o filho d'um adulterio quasi sagrado; da esposa que se deshonra para salvar o marido que adora.

Ignorando o mysterio horrivel do seu nascimento Severo Torelli jurou perante a hostia consagrada matar o tyranno de Pisa, o aggressor da sua patria, o sanguinario Barnabo Spinola.

Sua mãe a heroica D. Pia sabedora d'este juramento, confessa a seu filho a verdade horrivel:—Barnabo, o tyranno, é o pae de Severo Torelli.

Severo acha-se portanto collocado entre o perjurio e o parricidio.

Eu com este punhal fiz este juramento:
«Juro ferir com mão segura e decidida,
«Enterrar o punhal, revolvel-o na ferida,
«Seja onde quer que for matar o monstro abjecto,
«Mesmo na nossa casa e sob o nosso tecto,
«Aqui junto do altar, de joelhos e mãos postas
«Sendo preciso até enterrar-lhe nas costas
«O meu punhal, e erguendo o ferro ensanguentado,
«Dedicar o holocausto a Pisa.»—Está jurado!
Este problema é claro e tenho-o debatido;
Necessita de ser depressa resolvido:
Ou eu o mato ou não. Se o mato sem piedade
Entrego a minha patria, heroe! á liberdade,
Cumpro perante Deus um santo juramento,
Castigo o torpe algoz, o carrasco violento
Da minha pobre mãe ultrajada, asseguro
Ao bom Torelli, a paz, a honra e o futuro.
Se o não mato, meu Deus! que indignação, que horror!
Sou um perjuro ao céu e á patria um traidor,
Morrerão ámanhã dez homens innocentes,
Hão de crivar-me a alma os odios inclementes
Dos meus concidadãos, e o nome respeitado
Do velho que me adora, ha de ser sepultado
No lodo e na deshonra!...Ó coração perfeito,
Que dobras como um bronze e arqueias o meu peito,
É preciso escolher e decidir!...Ah! Pisa,
Terra em que o crime impera e a virtude agonisa,
Encerras no teu ventre um turbilhão horrendo
De monstros...Ugolino e seus filhos, mordendo
Sofregamente as mãos, famintos, a evitarem
O momento fatal de se entre-devorarem!
Podias inspirar-te, ó tenebroso Dante,
N'este immundo covil de feras. N'um instante
O teu olhar, ó patria ensanguentada, vae
Ver Severo Torelli a assassinar seu pae!
Meu pae! Meu pae!...Porque? Porque o tyranno um dia
Violou pelo terror e pela covardia
Uma triste mulher sem força e inconsolavel!
E eu, santo Deus! nasci d'este acto abominavel!
Meu pae! Mas se é meu pae esse homem tão atroz
Porque não sou como elle estupido e feroz!
Pois se da sua carne a minha carne é feita,
Porque me acolhe a alma e o coração me acceita,
Esta innocencia ideal que loucamente adoro!
Então porque hesito eu? Apesar d'esse choro
Que inundou, minha mãe, teu lugubre passado
E tambem apesar d'esse mandato honrado
Que a patria me entregou?!...Porque duvido então?
Que estranha garra, ó Deus, me aperta o coração!
Que covardia é esta, e emfim, porque me assusta
Erguer sobre o tyranno a minha mão robusta?!...
Pois bem. Tenho inda um meio, um sophisma, ó piedade!
Vou cumprir da missão apenas a metade.
Arrisco a honra, sim, e esse homem tão cruel,
Liberto o meu paiz sem o matar a elle!
É um plano, bem sei, bastante duvidoso...
Oh! mas se recusar, indomito e raivoso
Acabarei com elle, e acabarei comigo.

(Olha o punhal.)

Farás o teu dever, meu derradeiro amigo?...

Barnabo, entra. Entre o pae e o filho ha uma scena terrivel, Severo ergue para elle o punhal.

«Morreremos os dois...

N'isto um vulto negro sae de traz d'um relicario, crava um punhal no peito de Barnabo, dizendo:

«Não! morrerá só elle!

É D. Pia que para salvar seu filho do parricidio mata aquelle que a ultrajou, e depois se mata, a si, pedindo ao filho que viva para consolo do velho Torelli.

Toda a acção dramatica da peça é esta, e como veem toda ella se podia reunir n'um só acto.

Em cinco é extremamente deluida; para se chegar ás situações culminantes atravessam-se muitas scenas sem interesse, que cançam, que enfastiam o espectador e que explicam o desastre que no theatro de D. Maria teve a peça de Coppée.

Vae longa a chronica, e não temos espaço já para hoje fallarmos da *Reliquia*. Em compensação os nossos leitores, encontrarão adiante a transcripção d'um dos trechos mais interessantes do novo livro de Eça de Queiroz—aquelle em que apparece a *Reliquia* que dá o nome ao livro.

E na proxima chronica, se Deus quizer e os acontecimentos permittirem, fallaremos detidamente do novo livro do illustre e glorioso auctor do *Primo Basilio* e do *Crime do Padre Amaro*.

Gervasio Lobato.

A RELIQUIA

(Excerpto)

....

Cedo, ao outro dia, domingo, o incansavel Topsius partiu, bem enlapisado e bem enguardasolado, a estudar as ruinas de Jericó, essa velha Cidade das Palmeiras que Herodes cobrira de thermas, de templos, de jardins, d'estatuas, e onde passaram os seus turtuosos amores com Cleopatra... E eu, á porta da tenda, escarranchado n'um caixote, fiquei a tomar o meu café, olhando os pacificos aspectos do nosso acampamento. O cozinheiro depennava frangos; o beduino triste areava á beira d'agua o seu pacato alfange; o nosso lindo arrieiro esquecia a ração ás egoas para seguir no céo, d'um brilho de saphira, a branca passagem das cegonhas voando aos pares para a Samaria.

Depois puz o capacete, fui vadiar na doçura da manhã, de mãos nos bolsos, cantarolando um *fado* meigo. E ia pensando na Adelia e no sr. Adelino... Enroscados na alcova, beijando-se furiosamente, estavam-me talvez chamando *carola*, emquanto eu passeava alli, nos retiros da Escriptura! Aquella hora a titi, de mantelete preto, com o seu ripanço, sahia para a missa de Sant'Anna: os creados do Montanha, esguedelhados, assobiando, escovavam o pano dos bilhares: e o dr. Margaride, á janella, na praça da Figueira, pondo os oculos, abria o *Diario de Noticias*. Ó minha doce Lisboa!... Mas ainda mais perto, para além do deserto de Gaza, no verde Egypto, a minha Maricoquinhas n'esse instante estava enchendo o vaso do balcão com magnolias e rosas; o seu gato dormia no velludo da cadeira; ella suspirava pelo «seu portueguezinho valente...» Suspirei tambem: mais triste nos labios se me fez o *fado* triste.

E de repente, olhando, achei-me, como perdido, n'um sitio de grande solidão e de melancolia. Era longe do regato e dos aromaticos arbustos de flôr amarella; já não via as nossas tendas brancas; e diante de mim arredondava-se um ermo árido, livido, de areia, fechado todo por penedos lisos, direitos como os muros d'um poço—tão lugubres que a luz loura da quente manhã do Oriente desmaiava alli, mortalmente, desbotada e magoada. Eu lembrava-me de gravuras, assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um in-folio junto de uma caveira. Mas nenhum solitario aniquilava alli a carne em heroica penitencia. Sómente, ao meio do fero recinto, isolada, orgulhosa, com um ar de raridade e de reliquia, como se as penedias se tivessem amontoado para lhe arranjarem um resguardo de Sacrario—erguia-se uma arvore tão repellente, que logo me fez morrer nos labios o resto do *fado* triste...

Era um tronco grosso, curto, atochado e sem nós de raizes, semelhante a uma enorme moca bruscamente cravada na areia: a casca corredia tinha o lustre oleoso de uma pelle negra: e da sua cabeça entumecida, de um tom de tição apagado—rompiam, como longas pernas d'aranha, oito galhos que contei, pretos, molles, lanugentos, viscosos, e armados de espinhos... Depois de olhar em silencio para aquelle monstro, tirei de vagar o meu capacete e murmurei:

—Para que viva!

É que me encontrava certamente diante d'uma arvore illustre! Fôra um galho igual (o nono talvez) que, arranjado outr'ora em fórma de corôa por um centurião romano da guarnição de Jerusalem, ornára sarcasticamente, no dia do suplicio, a cabeça de um carpinteiro de Galilêa, condemnado... Sim, condemnado por andar, entre quietas aldeias e nos santos pateos do Templo, dizendo-se filho de David e dizendo-se filho de Deus, a pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Fórmas! E eis que esse galho por ter tocado os cabellos incultos do rebelde torna-se divino, sobe aos altares, e do alto enfeitado dos andores faz prostar no lagedo, á sua passagem, as muitidões enternecidas...

No collegio dos Isidoros, ás terças e sabbados, o sebento padre Soares dizia esfuracando os dentes—«que havia, meninos, lá n'um sitio da Judêa...» Era alli! «...uma arvore que segundo dizem os auctores é mesmo d'arripiar...» Era aquella! Eu tinha ante meus frivolos olhos de Bacharel a sacratissima Arvore d'Espinhos!

E logo uma ideia sulcou-me o espirito com um brilho de visitação celeste... Levar á titi um d'esses galhos, o mais pennugento, o mais espinhoso, como sendo a reliquia fecunda em milagres a que ella poderia consagrar seus ardores de devota e confiadamente pedir as mercês celestiaes! «Se entendes que mereço alguma coisa pelo que tenho feito por ti, traze-me então d'esses santos lugares uma santa reliquia...» Assim dissera a sr.ª D. Patrocinio das Neves na vespera da minha jornada piedosa, enthronada nos seus damascos vermelhos, diante da Magistratura e da Igreja, deixando escapar uma baga de pranto sob seus oculos austeros. Que lhe podia eu offerecer mais sagrado, mais enternecedor, mais efficaz, que um ramo da Arvore d'Espinhos, colhido no valle do Jordão, n'uma clara, rosada manhã de missa?

Mas de repente assaltou-me uma aspera inquietação... E se realmente uma virtude transcendente circulasse nas fibras d'aquelle tronco? E se a titi começasse a melhorar do figado, a reverdecer, mal eu installasse no seu oratorio, entre lumes e flôres, um d'esses galhos erriçados de espinhos? Ó miserrimo logro! Era eu pois que lhe levava nesciamente o principio milagroso da Saude, e a tornava rija, indestructivel, inenterravel, com os contos de G. Godinho firmes na mão avara! Eu! Eu que só começaria a viver—quando ella começasse a morrer!

Rondando então em torno á Arvore d'Espinhos, interroguei-a, sombrio e rouco: «Anda, monstro, dize! És tu uma reliquia divina com poderes sobrenaturaes? ou és apenas um arbusto grutesco com um nome latino nas classificações de Linneu? Falla! Tens tu, como aquelle cuja cabeça coroaste por escarneo, o dom de sarar? Vê lá... Se te levo commigo para um lindo Oratorio portuguez, livrando-te do tormento da solidão e das melancolias da obscuridade, e dando-te lá os regalos de um altar, o incenso vivo das rosas, a chamma louvadora das velas, o respeito das mãos postas, todas as caricias da oração—não é para que tu, prolongando indulgentemente uma existencia estorvadora, me prives da rapida herança e dos gozos a que a minha carne moça tem direito! Vê lá! Se, por teres atravessado o Evangelho, te embebeste de idéas pueris de Caridade e Misericordia, e vaes com tenção de curar a titi—então fica-te ahi, entre essas penedias, fustigado pelo pó do deserto, recebendo o excremento das aves de rapina, enfastiado no silencio eterno!... Mas se promettes permanecer surdo ás preces da titi, comportar-te como um pobre galho secco e sem influencia, e não interromperes a appetecida decomposição dos seus tecidos—então vaes ter em Lisboa o amacio agasalho d'uma capella afofada de damascos, o calor dos beijos devotos todas as satisfações de um idolo, e eu hei de cercar-te de tanta adoração que não has de invejar o Deus que os teus espinhos feriram... Falla, monstro!»

O monstro não fallou. Mas logo senti perpassar-me na alma, aquietadoramente, com uma consolante fresquidão de brisa d'estio o presentimento de que breve a titi ia morrer e apodrecer na sua cova. A Arvore d'Espinhos mandava, pela communicação esparsa da Natureza, da sua seiva ao meu sangue, aquelle palpite suave da morte da sr.ª D. Patrocinio—como uma promessa sufficiente de que, transportado para o oratorio, nenhum dos seus galhos impediria que o figado d'essa hedionda senhora inchasse e se desfizesse... E isto foi, entre nós, n'esse ermo, como um pacto taciturno, profundo e mortal.

Mas era esta realmente a Arvore d'Espinhos? A rapidez da sua condescendencia fazia-me suspeitar a excellencia da sua divindade. Resolvi consultar o solido, sapientissimo Topsius.

Corri á fonte de Elyseo, onde elle rebuscava pedras, lascas, lixos, restos da orgulhosa Cidade das Palmeiras. Avistei logo o luminoso historiographo acocorado junto a uma poça d'agua, com os oculos sôfregos, esgarafunhando um pedaço de pilastra negra, meia enterrada no lodo. Ao lado um burro, esquecido da herva tenra, contemplava philosophicamente e com melancolia o afan, a paixão d'aquelle sabio, de rastos no chão, á procura das Thermas de Herodes.

Contei a Topsius o meu achado, a minha incertêza... Elle ergueu-se logo, serviçal, zeloso, presto ás lides do Saber.

—Um arbusto de espinhos? murmurava, estancando o suor. Ha de ser o *Nabka*... Banalissimo em toda a Syria! Hasselquist, o botanico, pretende que d'ahi se fez a Corôa d'Espinhos... Tem umas folhinhas verdes, muito tocantes, em fórma de coração, como as da hera... Ah, não tem? Perfeitamente, então é o *Lycium Spinosum*. Foi o que serviu, segundo a tradição latina, para a Corôa d'Injuria... Que quanto a mim a tradição é futil; e Hasselquist ignaro, infinitamente ignaro... Mas eu vou já aclarar isso, D. Raposo. Aclarar irrefutavelmente e para sempre!

Abalámos. No ermo, ante a arvore medonha, Topsius, alçando cathedraticamente o bico, recolheu um momento aos depositos interiores do seu saber—e depois declarou que eu não podia levar a minha tia devotissima nada mais precioso. E a sua demonstração foi faiscante. Todos os instrumentos da Crucificação (disse elle, floreando o guardasol), os Pregos, a Esponja, a Cana Verde, um momento divinisados como materiaes da Divina Tragedia, reentraram pouco a pouco, pelas urgencias da civilisação, nos usos grosseiros da vida... Assim, o Prego não ficou *per eternum* na ociosidade dos altares, memorando as Chagas Sacratissimas: a humanidade, catholica e commerciante, foi gradualmente levada a utilisar o prego como uma valiosa ferragem: e tendo trespassado as mãos do Messias, elle hoje segura, laborioso e modesto, as tampas de caixões impurissimos... Os mais reverentes irmãos do Senhor dos Passos empregam a Cana para pescar; ella entra na folgante composição do foguete; e o Estado mesmo (tão escrupuloso em materia religiosa) assim a usa em noites alegres de nova Constituição ou em festivos delirios pelas bodas de Principes... A Esponja, outr'ora embebida no vinagre de sarcasmo e offerecida n'uma lança, é hoje aproveitada n'esses irreligiosos ceremoniaes da limpeza—que a Igreja sempre reprovou com odio... Até a Cruz, a Fórma suprema, tem perdido entre os homens a sua divina significação. A christandade depois de a ter usado como lábaro, usa-a como enfeite. A cruz é broche, a cruz é breloque; pende nos collares, tilinta nas pulseiras; é gravada em sinetes de lacre, é incrustada em botões de punho; —e a Cruz realmente n'este soberbo seculo pertence mais á Ourivesaria do que pertence á Religião...

—Mas a Corôa d'Espinhos, D. Raposo, essa não *tornou a servir para mais nada!*

Sim, *para mais nada!* A Igreja recebeu-a das mãos de um proconsul romano—e ella ficou isoladamente e para toda a eternidade na Igreja, commemorando o Grande Ultrage. Em todo este vario Universo ella só encontra um lugar congenere na penumbra das capellas; o seu unico prestimo é persuadir á contrição. Nenhum joalheiro jámais a imitou em ouro, cravejada de rubis, para ornar um penteado loiro; ella é só Instrumento de Martyrio; e com salpicos de sangue, sobre os caracoes frisados das imagens, inspira infinitamente as lagrimas... O mais astuto Industrial, depois de a retrocer pensativamente nas mãos, restituil-a-hia aos altares como coisa inutil na Vida, no Commercio, na Civilisação; ella é só attributo da Paixão, recurso de tristes, enternecedora de fracos. Só ella, entre os accessorios da Escriptura, provoca sinceramente a oração. Quem, por mais adurabundo, se prostaria, a borbulhar de Padre Nossos, diante d'uma esponja cahida n'uma tina, ou d'uma cana á beira d'um regato?... mas para a Corôa d'Espinhos erguem-se sempre as mãos crentes; e a sensação da sua deshumanidade passa ainda na melancolia dos Misereres!

Que maior maravilha podia eu levar á titi?...

—Sim, Topsius, meu catita... Os teus dizeres são d'oiro puro... Mas a outra, a verdadeira, *a que serviu*, teria sido tirada d'aqui, d'este tronco? Hein, amiguinho?

O erudito Topsius desdobrou lentamente o seu lenço de quadrados: e declarou (contra a futil tradição latina e contra o ignarissimo Hasselquist) que a Corôa d'Espinhos fôra arranjada d'uma silva, fina e flexivel, que abunda nos valles de Jerusalem, com que se erriçam as sebes, e que dá uma flôrzinha roxa, triste e sem cheiro...

Eu murmurei, succumbido:

—Que pena! A titi fazia tanto gosto que fosse d'aqui, Topsius! A titi é tão rica!...

Então este sagaz philosopho comprehendeu que ha Razões de Familia, como ha Razões d'Estado—e foi sublime. Estendeu a mão por cima da arvore, cobrindo-a assim largamente com a garantia da sua sciencia—e disse estas palavras memoraveis:

—D. Raposo, nós temos sido bons amigos... Póde pois afiançar á senhora sua tia da parte d'um homem que a Allemanha escuta em questões de critica archeologica, que o galho que lhe levar d'aqui, arranjado em corôa, foi...

—Foi?—berrei ancioso.

—Foi o mesmo que ensaguentou a fronte do rabbi Jeschoua Natzarieh, a quem os latinos chamam Jesus de Nazareth, e outros tambem chamam o Christo!...

Fallára o alto saber germanico! Puxei o meu navalhão sevilhano, decepei um dos galhos. E emquanto Topsius voltava a procurar pelas hervas humidas a cidadella Cypron e outras pedras de Herodes—eu recolhi ás tendas, em triumpho, com a minha preciosidade. O prazenteiro Potte, sentado n'um sellim, estava moendo café.

—Soberbo galho! gritou elle. Quer-se arranjadinho em corôa... Fica d'uma devoção!

E logo, com a sua rara destreza de mãos, o jocundo homem entrelaçou o galho rude em fórma de corôa santa. É tão parecida! tão tocante!...

—Só lhe faltam as pinguinhas de sangue! murmurava eu, enternecido. Jesus! o que a titi se vae babar!

Mas como levariamos para Jerusalem, através dos cerros de Judá, aquelles incommodos espinhos—que, apenas armados na sua fórma Passional, pareciam já avidos de rasgar carne innocente? Para o alegre Potte não havia difficuldades; tirou do fundo do seu provido alforge uma fofa nuvem de algodão em rama; envolveu n'ella delicadamente a Corôa d'Aggravo, como uma joia fragil; depois com uma folha de papel pardo e um nastro escarlate—fez um embrulho redondo, sólido, ligeiro e nitido... E eu, sorrindo, enrolando o cigarro, pensava n'esse outro embrulho de rendas e laços de sêda, cheirando a violeta e a amor, que ficára em Jerusalem, esperando por mim e pelo favor dos meus beijos.

—Potte, Potte! gritei radiante. Nem tu sabes que grossa moeda me vae render esse galhinho, dentro d'esse pacotinho!

Apenas Topsius voltou da sacra fonte d'Elyseo—eu offereci, para celebrar o encontro providencial da Grande Reliquia, uma das garrafas de Champagne, que Potte trazia nos alforges, encarapuçadas d'ouro. Topsius bebeu «á Sciencia!» Eu bebi «á Religião?» E largamente a espuma de *Moet et Chandon* regou a terra de Canaan.

Á noite, para maior festividade, accendemos uma fogueira: e as mulheres arabes de Jericó vieram dançar diante das nossas tendas. Recolhemos tarde, quando por sobre Moab, para os lados de Makéros, a lua apparecia, fina e recurva, como esse alfange d'ouro que decepou a cabeça ardente d'Iokanan.

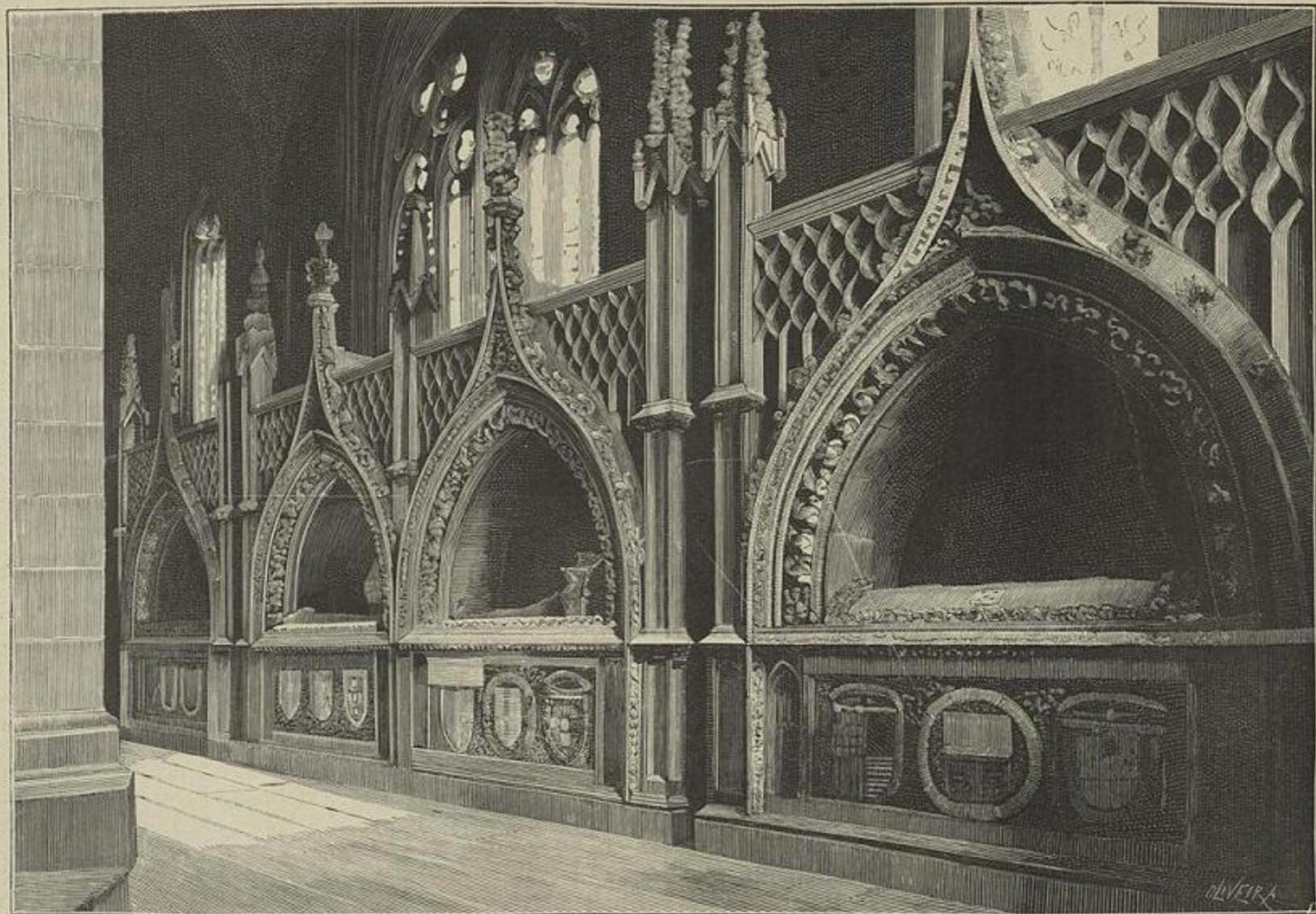
O embrulho da Corôa d'Espinhos estava á beira do meu catre. O lume apagára-se, o nosso acampamento dormia no infinito silencio do Vale da Escriptura... Tranquillo, regalado, adormeci tambem.

....

Eça de Queiroz.

AS NOSSAS CRAVURAS

VIAGEM DE SUAS ALTEZAS OS DUQUES DE BRAGANÇA, A SETUBAL. O YACHT DE RECREIO «AMELIA»

A gravura que illustra a primeira pagina do OCCIDENTE reproduz um desenho que o nosso

CONVENTO DA BATALHA—TUMULOS DOS INFANTES, NA CAPELLA DO FUNDADOR (Segundo uma photographia de Camacho)

collaborador artistico, o sr. José Pardal, fez do elegante yacht de recreio *Amelia*, pertencente a suas altezas os duques de Bragança.

É um magnifico barco de recreio, construido em Inglaterra e que tem a lotação de sessenta e seis tonelladas arma em yawl e está registado na Real Associação Naval, de que sua magestade el-rei D. Luiz é o commodóro e sua alteza o principe real D. Carlos é o vice-commodóro, sendo socios protectores d'esta real associação sua magestade a rainha D. Maria Pia e suas altezas a princeza D. Amelia e infantes D. Affonso e D. Augusto. Além do yacht *Amelia*, tem sua alteza o palhabote *Nautillus* e differentes guigas que tem figurado em regatas no Tejo e em Cascaes, obtendo premio em alguns d'estes concursos.

O yacht *Amelia* fez no dia 11 do mez passado uma viagem a Setubal, levando a seu bordo suas altezas os duques de Bragança e infante D. Affonso.

Na viagem de Lisboa para Setubal foi o yacht rebocado pelo vapor *Lidador*, mas no regresso a Lisboa veio á vella com uma viagem rapida e feliz, não sendo preciso o reboque do *Lidador* que o fôra esperar, e que ficou para a popa a perder de vista.

Durante o tempo que esteve em Setubal, suas altezas conservaram-se a bordo, tendo desembarcado no dia 13 de tarde, em que visitaram a terra.

Foi grande o enthusiasmo que se manifestou nos habitantes de Setubal pela visita dos reaes viajantes.

Suas altezas percorreram a cidade que é muito bonita, em carruagem, e visitaram os conventos de Branc'Annes, de Jesus e a egreja parochial de Santa Maria da Graça. O povo victoriou-os enthusiasticamente. Visitaram tambem na outra margem do Sado a antiga Troya, onde examinaram as escavações que se tem feito na velha cidade subterrada.

As noites assim como os dias, que suas altezas passaram no Sado, foram de verdadeira festa para Setubal. A noite a musica do regimento de caçadores 1 alli aquartellado, e uma philarmonica, foram dar uma serenata em volta do yacht *Amelia*.

Ha muitos annos que o formoso Sado não apresentava um aspecto mais festivo e brilhante. Grande quantidade de pequenos barcos illuminados á veneziana, acompanharam as musicas a que nos referimos, e n'esses barcos ia uma boa parte da população de Setubal. A alegria era manifesta e expontanea, ao que suas altezas se mostraram muito reconhecidos.

O yacht *Amelia* largou de Setubal na manhã do dia 14 e deu entrada em Lisboa com uma viagem muito feliz, como já dissemos.

A côroa com o dragão que se vê na pequena gravura que encima a gravura do yacht, representa o distinctivo da tripulação do yacht *Amelia*.

TUMULOS DOS INFANTES NO CONVENTO DA BATALHA

Por varias vezes temos publicado gravuras representando diversas partes do famoso templo de Santa Maria da Victoria, vulgarmente conhecido pelo nome de convento ou monumento da Batalha, a edificação mais grandiosa do nosso paiz, e que leva a sua fama até ao extrangeiro.

A gravura de hoje representa os tumulos dos infantes que se vêem mettidos em quatro arcos abertos na parede do sul, ou que fica fronteira á porta da entrada da *Capella do Fundador*.

São quatro os tumulos, primorosamente trabalhados em pedra, como é todo esse monumento grandioso que a piedade de um rei vencedor levantou á virgem invocada no ardor do combate, com aquella fé tão grande, como a grandeza da obra que ficou a attestal-a ás gerações.

No primeiro arco a contar da direita, estão dois tumulos juntos um ao outro. No da parte exterior estão os restos do infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho e genro; no outro jaz sua esposa a infanta D. Isabel de Aragão filha de D. Jayme, conde de Urgel.

Na tampa d'estes dois tumulos divisam-se os escudos das armas do infante D. Pedro e da infanta D. Isabel de Aragão. Na face do tumulo exterior estão esculpidos em pedra e delicadamente ornamentados tres escudos d'armas, sendo o primeiro á direita, o da infanta e os dois seguintes, do infante, pertencendo o segundo d'estes á ordem da Jarreteira de que o infante D. Pedro era cavalleiro. Em uma cercadura que contorna o bordo superior do tumulo, distingue-se entre os lavores da pedra, representando delicados troncos enfolhados, a palavra *desir*, que era a letra ou mote do infante.

No arco que se segue está o tumulo do infante D. Henrique, duque de Vizeu, instituidor da escola de Sagres, o grande iniciador das aventurosas viagens e notaveis descobertas dos portuguezes, e cujo nome é pronunciado com respeito por todo o mundo onde chegou a fama do seu valor e da sua sabedoria. Sobre este tumulo vê-se a estatua do infante, vestido de armas brancas tendo na cabeça uma touca ou fóta. Por sobre a cabeça, que descança em almofada, ergue-se um baldaquino rendilhado, tudo obra de pedra delicadamente trabalhada. Sobre o friso superior do tumulo corre uma folhagem e por entre esta ve-se esculpido na pedra a seguinte letra do infante escripta em francez: *Talant de bien fere.* Por baixo do friso está a inscripção sepulchral em caracteres germanicos, a qual se acha deteriorada em alguns pontos, incluindo o da data da morte, que parece nunca ter existido. Na face do tumulo ha tambem tres escudos d'armas ornamentados, que são do infante, incluindo o da Ordem de Christo de que elle era mestre.

O terceiro tumulo é do infante D. João condestavel do reino e mestre da ordem de S. Thiago; ao lado d'este está o tumulo de sua esposa a infanta D. Izabel, filha de D. Affosso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança. Na cercadura de folhagem que adorna a aresta superior do tumulo, lê-se enterlaçada a letra d'este infante: *Je ai bien raison.* Os escudos do infante e de sua esposa adornam a face do tumulo. Na parede do fundo do arco destacam-se em alto relevo, tres grupos de figuras em incorrecta esculptura, representando scenas da paixão de Christo no Calvario.

O quarto e ultimo tumulo d'este lado, encerra os restos do infante D. Fernando, essa figura sympathica da nossa historia, immolado em sacrificio á patria, no mais horrivel captiveiro que o martyrisou e lhe grangeou o nome de *infante santo.* Este tumulo tem na face dois escudos entre folhagens caprichosamente cinzeladas na pedra.

BRASIL — PONTE DE SANTA ISABEL E PALACIO DA ASSEMBLÉA PROVINCIAL, EM PERNAMBUCO (Segundo uma photographia)

BRAZIL — PONTE DE SANTA IZABEL E PALACIO DA ASSEMBLEA PROVINCIAL, EM PERNAMBUCO

A cidade de Pernambuco, capital da grande provincia do mesmo nome, dista 2:100 killometros a N.O. da cidade do Rio de Janeiro, capital do grande imperio americano. Compõe-se de tres grandes bairros ou pequenas cidades, denominadas Santo Antonio, Boa Vista e Recife, sendo esta ultima a mais importante pelo seu desenvolvimento e commercio.

É na cidade do Recife que se encontra a ponte de Santa Izabel que a nossa gravura representa, a qual é de construcção moderna e põe em communicação as duas partes da cidade do Recife cortada pelo rio.

É um dos melhores pontos da cidade avistando-se em grande estenção as povoações que se estendem pelas margens do rio, e elevam suas magnificas edificações que dão boa idéa da opulencia da cidade.

O edificio que se vê na gravura, á direita, erguendo a sua alterosa cupla por cima da platibanda e frontão que encimalham a construcção, é o palacio da *Assembléa Provincial*, obra tambem feita ha poucos annos, e cuja grandeza e elegancia bem se podem avaliar pela gravura que publicamos.

O outro edificio que se vê para a esquerda, parecendo entestar com a ponte, é o *Gymnasio Pernambucano*, instituto de ensino sustentado pelo governo da provincia, e onde as classes menos favorecidas encontram o pão do espirito, d'esde a instrucção primaria até á superior, gratuita, sendo ainda os alumnos subsidiados pelo governo.

A grandeza do imperio americano que se desdobra em tantas provincias, que cada uma d'ellas valle um reino, permitte e torna necessarios estes governos provinciaes, que vivem com uma certa independencia e acção propria que lhes faculta o desenvolvimento que se observa nas provincias do Brazil, de que a de Pernambuco é uma das mais importantes.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

IV

Deixámos no artigo anterior o nosso leitor proximo da estação de Bemfica e não nos penitenciamos de o ter feito parar ali, com o nosso comboio descriptivo, porque tambem nós, quando passamos n'aquelle ponto quizeramos que o trem parasse, tal é a magnificencia do panorama, a varidade das paizagens, a diversidade de pequenos quadros campestres, que se desdobram á vista d'aquelle alto.

Ali foi localisada a estação, n'um pequeno plano, de onde se disfructa um largo horisonte de montes e de povoações, algumas a distancia de muitos kilometros.

A estação fica afastada á esquerda da povoação que lhe dá o nome, mas em breve será ligada a esta por uma larga estrada que vae ser construida.

Depois d'ella passa-se a nivel a estrada militar em construcção, que vae ser a nova circumvalação de Lisboa, e a estrada n.º 87 de Lisboa a Cintra.

A' esquerda desenrola-se o velho acqueducto da Damaia.

Segue a estação da Porcalhota que tambem fica a uma certa distancia do tradiccional sitio do coelho guizado.

Mas qual é a origem da fama de que disfructa aquelle sitio, para a guiza do coelho?

Correm diversas versões, e não sabemos a qual dar mais credito.

Será porque os coelhos n'aquelle sitio sejam mais saborosos?

Existirão ali outros adubos proprios para este genero da cosinha portugueza, que não se reproduzam no resto do paiz?

Concretizar-se-ha n'aquelle ponto a sabedoria da preparação d'este petisco, sem que os moradores do local, defensores acerrimos das suas prerogativas, consintam que as cosinheiras vão ao resto do mundo deliciar os paladares com aquelle pitéo?

Não sabemos e por isso nos inclinamos a acreditar o que ha dias nos contava, no comboio, um amavel companheiro de viagem:

Disse-nos elle que a fama do coelho guizado tem a seguinte origem:

Um respeitavel fazendeiro morava ha muito tempo ali pelos sitios de Sete Rios.

Gostava elle muito de coelho guizado e, como os tinha no quintalão, era aquelle o seu prato de todos os dias.

N'este tempo não havia ainda omnibus para aquelles sitios, e o bom fazendeiro vinha a pé á cidade e a pé fazia a volta.

Chegava a casa, e como tivesse sempre coelho para a ceia já não o apreciava—comia sem apetite.

Um dia arranjou uma nova propriedade na Porcalhota e para ali transferiu a sua residencia, mas na mudança, os coelhos fugiram, e elle chegou á nova casa sem os seus roedores favoritos.

Comprou a mulher outros ali e no dia seguinte, quando o marido chegou a casa apresentou-lhe a ceia como do custume.

O marido, com o apetite estimulado pela hora mais tardia a que se sentou á meza, pelo maior passeio que déra ou pela mudança de ares, apreciou o coelho como nunca.

Achou-o uma delicia!

—O que será isto? perguntava elle, nunca me soube tão bem o coelho como n'este sitio!

E como nos dias seguintes se repetisse o mesmo phenomeno assim se foi propagando a fama de que o coelho guizado só é bom na Porcalhota... depois d'um bom passeio a pé.

Cremos que foi por este motivo que a construcção do caminho de ferro localisou a estação a uma boa distancia do logar, para que os apreciadores possam dar um largo passeio e... achem o coelho delicioso.

Passada a estação cruza-se por meio de um arco superior a estrada de Mafra, e pára-se na estação, ainda provisoria, de Queluz-Bellas.

Queluz está á esquerda, a muito curta distancia; tão curta que mesmo da estação se vê o seu bello palacio real, com os magestosos jardins povoados de estatuas, tanques, repuchos e frondoso arvoredo bem tratado.

Bellas é á direita, a uns 2 kilometros de boa estrada que constitue hoje o passeio favorito dos moradores d'aquella fresca estancia de verão.

Sahindo d'este ponto vê-se á direita o logar do Papel.

Uma casa espaçosa, onde o sr. Cambournach estabeleceu a sua tinturaria, a principal do nosso paiz pelos processos aperfeiçoados que emprega, e pela boa qualidade das suas tintas, forma o centro d'esta pequena povoação, composta na maior parte de operarios que se dedicam á industria que ali se localisou e desenvolveu.

Ao kilometro 17,400 o comboio pára na estação do Cacem.

É passada esta estação dois kilometros que se bifurca a linha, seguindo á direita para Cintra e á esquerda para Torres Vedras.

A estação é espaçosa, com grande numero de vias de resguardo e os demais pertences necessarios a um ponto de ligação das duas linhas.

D'ella damos a gravura que, como outra da estação de Cintra que virá no proximo numero é copia de uma bella photographia do distincto amador sr. Augusto Lamarão, ao qual já nos referimos no nosso numero passado, e que levou a sua dedicação pela nossa folha e o seu desejo de illustrar com o seu apreciavel trabalho as modestas linhas que aqui traçamos, até o ponto de ir de proposito fazer um passeio ate Cintra, acompanhado da sua aperfeiçoada machina, a mais instantanea que conhecemos, e cujos trabalhos, guiados pela mão do habil operador, podem ser postos a par dos melhores dos artistas já consumados.

A direita da linha vê-se depois o logar da Agualva que tambem é servido pela estação do Cacem.

Depois d'elle, e á parte o agradavel panorama de montes arborisados, e a frescura que o viajante vae sentindo ao aproximar-se de Cintra, nada ha de que façamos mensão especial, até entrar no tunnel de Cintra, que tambem por si não é notavel, porque tem apenas 90 metros de extensão, e nós que, n'esta viagem, já passámos o de Alcantara que é seis vezes maior, e que nos preparamos para, dentro de tres annos, atravessar o da Avenida a Campolide, que será maior 28 *vezes*, não fazemos caso já de um agulheiro de 90 metros, tanto mais que, n'estas alturas, o que desejamos é ver Cintra, desembarcar na elegante estação, descer a tortuosa e pittoresca estrada e respirar livremente aquelle ar puro e vivificador.

Mas tome o leitor cuidado de pôr sempre o seu *par-dessus*, porque ha por aqui pessoas muito idosas que affirmam que nunca tiveram calor.

A discripção da estação dal'a-hemos no proximo numero, acompanhando as gravuras.

L. de Mendonça e Costa.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÁS NECESSIDADES POPULARES DEMONSTRAÇÃO:

(Continuado do n.º 303)

Dissemos que na cidade de Lisboa as escholas do municipio eram *fabricas de moagem*, e que tudo eram moinhos.

E na verdade:

São moinhos de moer a paciencia dos mestres e das creanças. Dos mestres porque nada ensinam á falta de disciplina que não ha, desde que a camara *decretou*, sem o poder *decretar*, a prohibição *absoluta* de castigos corporaes. Das creanças porque, as que são bem comportadas e desejam aprender, pouco apprendem, desde que se dispende o tempo, na mór parte, em gritos contra os discolos, que produzem vozeria adrede afim de perturbar as explicações dos mestres, e conseguir anarchia em que andam sempre diabolicamente empenhados, por quanto alguns, são ruins, sem crença, e sem a mais simples noção de respeito pelos superiores.

É terrivel castigar as creanças; mas é tão bonito—educal-as.

Que interessante é uma eschola bem disciplinada, onde o socego, essencial condição pedagogica para o ensino, reine sem coacção e quando seja espontaneo! Mas, onde o ha que deixe de ser perturbado por algum de entre muitos que, sahido do thegurio, vem encorporar-se na communidade limpa e aceiada, a eival-a dos vermes da destruição moral, corrompendo pelo máo exemplo os corações bem formados, as consciencias limpas de tantos outros de familias de sãos costumes?

Oh! que triste verdade!

Separem-nos. Não póde ser: porque teem de formar no grupo ou classe correspondente á sua habilitação, e porque o *modo simultaneo mixto* é o unico, o mais recommendado pelos pedagogistas, e o que póde empregar-se com vantagem real para os respectivos progressos. Logo, na eschola hão de confundir-se todos, que todos são eguaes perante o ensino.

*
* *

Confundidos então, vem a amalgama escholar em toda a sua plenitude; eis a eschola á maneira do redil das ovelhinhas com os lobos á mistura. Mas o lobo e a ovelha não podem coexistir, porque as leis da natureza imperam na propria indole. E o pastor? O pastor tem baculo, mas não póde usal-o que lh'o vedou a dona do rebanho.

Então a dona do rebanho consente que os lobos lhe devorem as ovelhinhas? É o que se vê, e só permitte ao pastor que berre *ó quiô, ó quiô* contra a féra cerval. De modo que, enrouquecido, extenuado pela grita, cáe em extasis, e a féra vae devorando impunemente!

*
* *

A camara administradora da instrucção do povo invadiu os dominios alheios, intromettendo-se na questão disciplinar, e por isso converteu as escholas em moinhos.

Diz o Regulamento de 28 de julho de 1881:

Art. 217.—«Os inspectores são nas respectivas circumscripções delegados do governo, n'esta qualidade compete-lhes:

1.º—«Fiscalisar o ensino, a administração e a policia de todas as escholas officiaes de ensino primario, comprehendidas na sua circumscripção.»

10.º—«Informar o governo ácerca da exactidão, zelo e desvelo com que as camaras municipaes e outros corpos administrativos cumprem as leis e regulamentos da instrucção primaria.»

Art. 219.—«Serão sempre objecto de inspecção:

3.º—«O caracter civil, moral, religioso e litterario do ensino.

8.º—A frequencia e aproveitamento dos alumnos.»

Muito bem. Estamos na ordem, e ninguem dirá que somos injustos, affirmando que a camara de Lisboa anda *extra legem*.

Pelo n.º 10 do art. 217 a camara tem de exercer zêlo e desvelo no cumprimento dos regulamentos do governo; ora a camara, sabendo que o regulamento de 1850 auctorisa os mestres a applicarem, em casos extremos, um pequeno castigo corporal nos discolos ou refractarios da disciplina, recommendando que esse castigo seja paternalmente dado, e sem rancôr, *exerceu o zêlo e desvelo* pelo mencionado preceito, *decretando* em seu regulamento camarario de 25 de agosto de 1886, o seguiute:

Art. 37.—«São expressamente prohibidos nas escholas os castigos corporaes.

§ 1.º—(em vez de § unico) Entram n'este numero:—a privação de refeição, a permanencia em posições viciosas ou contrafeitas e a muito demorada conservação do alumno n'uma posição fixa.»

Agora as conclusões:

1.º—Com o *asserit A*, *negat E*, estabeleceu-se conflicto. E quem póde ou manda mais, *A* ou *E*? Mas *A* é o regulamento vigente de 1850, e *E* o da camara. Então em que ficamos? Quem manda, e a quem se hade obedecer?

Simplesmente vergonhoso! O governo quer disciplina na eschola, pugnando pelo aproveitamento dos alumnos, e por isso auctorisa os meios para se conseguir a mesma disciplina. Logo, o governo é logico. A camara quer aproveitamento, sem disciplina, porque nega os meios. Logo é illogica e contradictoria, e mostra a falta de respeito pelas determinações superiores!

O governo, pelo seu regulamento vigente, dá ao pastor o baculo para que os lobos não devorem as ovelhinhas;—a camara prohibe o baculo e auctorisa a voragem das féras.

O governo com o seu regulamento falla a verdade ás familias, velando pelos seus interesses, que são o aproveitamento e moralidade dos filhos;—a camara auctorisa a anarchia nas escholas, e *mente* ás familias com uma estatistica falsa de valores ou notas de aproveitamento dos alumnos!

2.ª—O regulamento de 1850, dando os meios para se conseguirem os fins, pugna pelo bom caracter civil, moral, religioso e litterario do ensino;—a camara, auctorisando a anarchia, com as suas theorias regulamentares, destroe o tal caracter do ensino!

Porque será isto?

E porque a camara fez um regulamento inconsciente, e, desconhecedora dos preceitos regulamentares do governo, quer agora, depois de conhecido o erro, sustental-o, embora com o sacrificio da vida dos mestres.

*
* *

Tomem lá a seguinte hypothese:

O professor F., tendo admoestado um refractario, e, havendo empregado todos os meios brandos para convencer o sujeito de que é mau, e não deve continuar a praticar certo acto, viu-se no caso extremo, porque o delinquinte reincidiu diversas vezes, de pespegar-lhe duas ou tres palmatoadas. E depois?

Já se vê que o professor n'este caso delinquiu, faltando ao disposto no art.º 37.º do regulamento da camara.

O que tem a camara a fazer?

Tem de lhe applicar as penas estabelecidas no art.º 40.º da lei de 2 de maio de 1878; e as penas, em escala ascendente, só pódem ser applicadas em virtude de um processo; o professor que saiba d'esta legislação não se considera castigado e nem acceita o castigo, senão em virtude da doctrina estabelecida no mencionado art.º 40.º

Ora, qual ha de ser a junta escholar que dê voto a favor da camara, conhecendo que o professor andou legalmente, visto que o regulamento de 1850 (vigente) o auctorisa a castigar o alumno refractario?

E qual hade ser o inspector do governo que dê o seu voto affirmativo, dando-se taes circumstancias? O que hade fazer a camara ao professor? Nada. Porque o professor está coberto pelo regulamento; e, quando se estabeleça um tal conflicto, o professor hade vencer, e a camara ha de ficar vencida!

Aqui estão bem patentes os fructos de uma leviandade da camara, *decretando* o que não póde *decretar*.

Mas os moinhos lá vão moendo, porque os professores preferem morrer esfalfados a estabelecer questão. Quem soffre é o ensino; quem fica *disfructada* é a familia; quem engana a familia é a camara.

D'aqui nascem:

a—a immoralidade das novas gerações, cuja educação não póde a eschola conseguir;

b—a inutilidade do *homem futuro* para o grande concerto da vida social, que ha de baquear por terra pela influencia das notas discordantes.

(Continúa)

* * *

JOÃO CHRISTINO DA SILVA

II

Em 1855, a França convidou as sciencias, as industrias e as artes de todo o mundo para um grande congresso, e os *Cinco artistas*, depois de figurarem no anno antecedente na exposição da Academia de Lisboa, foram enviados á grande Exposição universal de Paris com outros trabalhos de artistas portuguezes.

D'um artigo de Ernesto Biester, publicado no n.º 5 do *Jornal de Bellas Artes*, citaremos o trecho em que vem traduzida a apreciação que o jornal *Palais de l'Industrie*, de 28 de outubro de 1855, fez do quadro de Christino.

«—N.º 1676—João Christino da Silva—*Cinco artistas em Cintra*—O colorido é formoso com quanto por partes avermelhado. Pela desenvoltura vê-se logo que são artistas as figuras do quadro. Prova-se á primeira vista boa attitude e cunho do bello. Entretanto quereriamos em menos symetria o acampamento e menos apuro no vestuario, porque, sem offender susceptibilidades, julgamos poder affirmar que em Portugal, como em qualquer outro paiz, a negligencia é um dos caracteres distinctivos do artista. Mas nem por isso deixaremos de concluir que a obra do sr. Christino da Silva é uma das mais notaveis que foi apresentada no grande concurso.»

Citamos a critica do jornal francez, não porque a julguemos primorosa, mas porque prova que n'aquelle enorme certamen a obra de Christino não passou despercebida.

O que parece ter destoado mais ao critico na composição, é a symetria do que elle chama acampamento e o apuro do vestuario dos cinco artistas.

Emquanto á primeira observação discordamos, e achamos boa a composição do grupo principal, em que figuram Annunciação fazendo um estudo do natural, e por detraz d'elle Metrass, em pé, desenhando n'um album, rodeados por uma familia saloia, que a curiosidade natural ali chamou, e que contempla a obra, e segue attentamente o pincel do artista, que lhe vae debuxando a paizagem tão sua conhecida. Seria talvez este grupo sufficiente para um quadro, mas as tres figuras de Victor Bastos, Christino e José Rodrigues, que estão á direita, n'outro plano mais afastado, não prejudicam, antes completam, a composição. E pelo que respeita á excessiva elegancia dos trajes, todos nós que conhecemos os individuos ali retratados, sabemos que nenhum d'elles teve jamais o aspecto phantastico e funambulesco d'alguns *rapins d'atelier* do *Quartier latin*, muito cabelludos e pouco penteados. Annunciação, sem pretenções a dandysmos, que não estavam em harmonia com o seu caracter e a modestia dos seus recursos, foi sempre correctissimo na fórma de se apresentar. Metrass, relativamente rico, trajava com apurado gosto e era o que então se chamava um janota, não lhe ficava atraz Victor Bastos. De José Rodrigues póde-se dizer o mesmo que affirmámos de Annunciação. E Christino, de todos os cinco o mais phantasioso e de mais airada vida, apesar dos seus chapeus espectaculosos e do grande chale-manta, que elle traçava um pouco theatralmente, parecia uma d'essas figuras da Renascença, que vemos nos grandes quadros antigos, e nunca se confundio com os bohemios cheios de côr por dentro e por fóra, cujos retratos tanto abundam desde 1830 nos romances francezes.

N'este estudo, improvisado para acompanhar o excellente retrato gravado pelo sr. D. Netto, e a copia do quadro dos *Cinco artistas em Cintra*, não podemos seguir passo a passo a carreira do notavel pintor, nem analysar e discutir os meritos e defeitos das suas obras, algumas das quaes, como a *Primeira impressão da arte*, a *Estalagem*, a *Estrada da Povoa*, compradas tambem pelo fallecido rei D. Fernando, faziam parte da Galeria do Palacio das Necessidades, mas o que podemos affirmar é que o futuro não correspondeu ás brilhantes promessas dos primeiros annos, e que causas internas e externas, que seria longo expor aqui, fizeram com que o artista, chegado a menos de meio da sua carreira, parasse, e preferisse os encantos e attractivos do mundo ao estudo e cultura das bellezas mais ideaes e abstractas da Arte.

Estimado por todos os que conheciam as qualidades do seu espirito e do seu caracter, Christino procurava por todos os modos completar a sua educação: lia muito, interessava-se por todas as grandes idéas, discutia com todos, e envolviase ás vezes nas mais altas questões artisticas e sociaes, supprindo com a vivacidade e a perspicacia natural as deficiencias da sua primeira educação. Excellente observador, gostava muito de viajar, e o colorido das suas descripções era tão vigoroso como o dos seus quadros. Christino tinha a palavra facil e o gesto animado: a sua mão branca e longa—mão de artista, habituada a manejar o pincel—seguia e acompanhava admiravelmente a narrativa, accentuando o desenho dos typos, e os episodios e as scenas, ora dramaticas, ora comicas, que o artista ia narrando.

A cada nova excursão do pintor reanimava-se no espirito dos seus amigos a esperança de que ella lhe inspirasse algum grande quadro. Em 1867 visitou a Exposição universal de Paris, recebendo para esse fim do governo um pequeno subsidio —180$000 réis. O quadro que ali expoz foi muito apreciado, e o então celebre pintor Yvon, elogiando muito as suas qualidades de colorista, incitou-o calorosamente a proseguir no culto da arte, em que devia vir a occupar um logar distinctissimo; porém nem as palavras d'animação do artista francez, nem as que depois ouviu da bocca dos hespanhoes, de Palmaroli, de Madrazo, de Gisbert, quando enviou a Madrid, em 1871, a *Cruz alta de Cintra* e a *Fonte das Lagrimas*, —que lhe valeram ser condecorado pelo governo do rei Amadeu, sendo a *Fonte das Lagrimas* reproduzida em gravura pela *Illustração hespanhola*—tiveram força para suspender a decadencia, e reaccender no seu animo o fogo sagrado que o illuminava outr'ora, quando compunha e pintava os *Cinco artistas*.

O mocidade! As flores delicadas da imaginação, que ornam os phantasticos jardins com que sonha e se inebria toda a alma de verdadeiro artista—pintor ou poeta;—esse tapete variegado de infinitos matizes, que parece, visto de longe, ser a estrada da vida; as visões graciosas, que ora surgem, ora desapparecem n'um horisonte ideal; as acclamações, as glorias e as apotheoses, com que a humanidade corôa o genio, tudo isso murcha, desvanece-se, esvae-se, e transforma-se quasi sempre com o tempo, e não é raro que as flores se tornem em espinhos e as apotheoses em martyrio!

Factos para outros talvez insignificantes, mas a que a excessiva impressionalidade de Christino deu uma importancia extraordinaria, a tal ponto o irritaram, que se tornou necessario recolhel-o ao hospital, d'onde sahiu, passado pouco tempo, completamente restabelecido, e coisa notavel para nós, profanos na sciencia medica—conservava na memoria, e contava minuciosamente, tudo o que passára e soffrera n'esse periodo tristissimo da sua vida!

«—Quando eu era Christo—» dizia elle então, ao principiar alguma d'essas narrativas, e seguia fallando com a antiga fluencia, descrevendo, muitas vezes em estylo faceto, um ou outro episodio da terrivel excursão, que fizera a esse reino da loucura, de que voltou apparentemente intacto, mas trazendo realmente no fundo da alma a terrivel nostalgia das lobregas regiões, para onde em breve e infelizmente havia de voltar.

Ferido novamente na cabeça e no coração João Christino falleceu, na força da vida, aos 12 de maio de 1877. Nascera a 24 de julho de 1829, e não tinha ainda, portanto, completado 48 annos.

Zacharias d'Aça.

RESENHA NOTICIOSA

Condes d'Eu. Suas altezas imperiaes os condes d'Eu, estiveram em Lisboa de passagem para o Rio de Janeiro. Os imperiaes viajantes chegaram de Paris no dia 22 do mez findo e embarcaram para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete *Gironde*, na tarde do dia 23. Foram acompanhados a bordo, na galeota real, pelo sr. ministro da marinha, o sr. ministro do Brazil e pessoal da

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA—Estação de Cacem (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Augusto Lamarão)

legação, membros da colonia brazileira e da Sociedade de Beneficencia Brazileira, a qual suas altezas contemplaram com cincoenta libras. Na sua passagem no Tejo para bordo do paquete, salvou o couraçado *Vasco da Gama*. Os navios de guerra embandeiraram todos, tendo no tope a bandeira brazileira.

Offerta artistica. O sr. conde de Franco offereceu a suas altezas os duques de Bragança uma primorosa estatua de bronze, da poetisa Clotilde Lurvilli, esculpida pelo esculptor francez Gaultherin. A estatua assenta sobre um pedestal de veludo carmezim, onde se vêem as armas dos duques de Bragança e de Orleans, cinzeladas em prata. Um rico estojo forrado de setim, contendo as obras da celebre poetisa, completa a offerta do sr. conde de Franco.

Doutor Vulpian. Falleceu em Paris o doutor Vulpian, sabio professor de anatomia pathologica a quem a sciencia muito deve. Vulpian formou-se em medicina, em 1854, e pouco depois foi nomeado professor da escola de Paris, nomeação que foi combatida, chamando-lhe atheu e materialista. Em 1872 passou á cadeira de pathologia comparada e experimental, soffrendo ainda d'esta vez nova opposição. Em 1875 foi nomeado decano da faculdade, logar que deixou por occasião do advento do ministerio de que fazia parte Paulo Bert. A Academia das Sciencias de França elegeu-o em 1886 seu secretario perpetuo. São importantes as obras que deixa, notando-se entre outras as *Lições sobre a physiologia geral e comparada do systema nervoso*, *Lições sobre o apparelho vase-mote*, *Clinica medica do hospital de la Charité*, *Doenças do systema nervoso*, etc. Nasceu em 1826, fallecendo com a idade de 61 annos.

Invento Portuguez. O sr. Feliciano Soares de Azevedo construiu um wagonete de sua invenção, que por meio de uma combinação de molas se move sobre os rails, sem auxilio de braços. As experiencias deram bom resultado. O autor denominou este wagonete, *wagonete de visita*.

Achado archeologico. Nas proximidades do Vimieiro, freguezia de Casal Comba, concelho da Mealhada, foi encontrado n'um olival denominado das Areias, uma estatua de bronze de 23 centimetros de altura representando *Mercurio*. Esta estatua, ainda que bastante mutilada, parece ser obra romana, e foi offerecida ao sr. Marciano d'Azuaga, para o seu museu de archeologia.

Descoberta litteraria. Um sabio grego descobriu em Philippopoli alguns manuscriptos de Aristoteles, relativos a parte das seguintes obras do principe dos philosophos: *Do Ceu; Do Nascimento e Do Aniquilamento; Da Alma; Observações criticas*. Estes manuscriptos acham-se bem conservados e são de facil leitura, tendo á margem algumas notas que parecem posteriores. Se se poder provar a sua autenticidade, é um achado de inestimavel valor.

Obras ineditas de Wagner. Entre os papeis do rei Luiz II da Baviera encontraram-se os originaes de duas operas de Wagner que devem ter sido os seus primeiros trabalhos. As operas tem uma o titulo *As Fadas* e outra *A prohibição d'Amor*. Parece que estes originaes serão vendidos, e portanto postos em scena.

O telephone. Na obra *Exposição dos Psalmos* do religioso Agostinho fr. Pedro Vega, encontra-se, segundo diz uma folha religiosa hespanhola, a declaração de que a voz humana se podia transmittir a grandes distancias, por meio de um fio metalico. Vê-se por isto que a descoberta do telephone não se deve exclusivamente a Bell.

Novo ministerio francez. Os ultimos telegrammas trouxeram a noticia de se achar definitivamente constituido o novo ministerio francez, organisado por Mr. Rouvier. O novo ministerio é assim formado: Rouvier, presidencia, fazenda e correios e telegraphos; Falliéres interior; Flourens, extrangeiros; Spuller, instrucção publica; Mareau, justiça; Ferron, Guerra; Barbey, marinha; Dautresme, commercio; Hérédia, obras publicas; Barbe, agricultura. O novo ministerio propõe-se apresentar ás camaras um orçamento que corresponda aos dezejos de economias que ellas reclamam, e a sustentar os projectos militares do governo transacto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Um livro para meus netos por H. C. Escrich, traducção livre, Bibliotheca do cura d'Aldeia, editora, Porto. Um delicioso livro de contos, que todos podem ler sem receio de lhe encontrar peçonha. O nome do seu auctor é tão conhecido em Portugal, onde tem um grande numero de leitores dedicados, que é inutil recommendar os livros de Escrich porque elles são sempre procurados com interesse.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, vol. XXXIV, abril de 1887, segunda série n.º 10, Coimbra. Magnifico periodico mensal cujo summario d'este numero é o seguinte: *O Christianismo*, por Joaquim Maria de Brito; *Compendio de Economia Politica*, por Manuel de Almeida; *Projecto de reforma da faculdade de mathematica*, redigido pela commissão eleita em congregação de 29 de dezembro de 1886; *Sobre a naturesa das coisas*, poesia por A. M. de Falcão; *Memoria historica do concelho de Reguengos de Monsaraz*, por Pedro Manuel Nogueira; *A Sé velha de Coimbra*, por A. M. Seabra de Albuquerque, etc.

Revista dos Estudos Livres, directores litterarios doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos, nova livraria internacional, editora, Lisboa, vol. IV, n.º 1 e 2 com os seguintes artigos: *A Grecia e a sua missão historica*, por Theophilo Braga; *Notas para a historia da musica em Portugal*, por Joaquim José Marques; *O Zouverin mediterraneo*, por Carlos de Mello; *O facto...*, por F. Sá Chaves; *Materiaes para a flora do archipelago de Cabo Verde*, por João Cardoso Junior; *Bibliographia. Rapport sur le commerce de la France avec la Turquie, l'Egypte, la Grèce, la Bulgarie et la Roumanie*, de Dem. Georgiades, por Carrilho Videira; *Excursão pelos dominios da entomologia*, de João Alfredo de Freitas, por Teixeira Bastos; *Jesus e os Evangelhos*, de Julio Loury, por Teixeira Bastos.

Historia da revolução portugueza de 1820, *illustrada*, por José d'Arriaga, Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculo n.º 12, primeiro do segundo volume. Esta publicação a que já nos temos referido com o louvor que merece, segue com a maior regularidade e cumprimento do seu programma.

A Ilha Mysteriosa, *segunda parte.—O abandono*, por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo, etc. David Corazzi editor, Lisboa. Mais um volume da grande edição popular, que tem tido um extraordinario acolhimento do publico.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau, 31—Lisboa